

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**

**CURSO DE JORNALISMO**

**BRUNA VIEIRA CORRÊA MARTINS**

**Estudo para a produção de uma reportagem sobre pessoas que se valem do subemprego  
como forma de sobreviver no exterior**

**Reportagem Online: Au Pair 360º**

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE / 2019**

**BRUNA VIEIRA CORRÊA MARTINS**

**Estudo para a produção de uma reportagem sobre pessoas que se valem do subemprego  
como forma de sobreviver no exterior**

**Reportagem Online: Au Pair 360º**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Professor Dr. André Santoro.

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE / 2019**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

<https://jornalbrunavcm.wixsite.com/aupair360>

Publicado em 13 de novembro de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço principalmente aos meus pais que tornaram tudo isso possível. Que mesmo sabendo da difícil situação em que o jornalismo se encontra, me deram a liberdade de escolha, se esforçaram e ainda se esforçam para acreditar nela. Que nunca mediram esforços para me proporcionar o melhor: a universidade e estadia em São Paulo durante todo o curso; o intercâmbio onde foi realizado parte deste trabalho de conclusão de curso. Ainda me passaram a tranquilidade de saber que se algo desse errado, eles estariam aqui por mim. Obrigada pelo suporte, Mauro e Rosane. No sentido de dar apoio e de me suportar – tarefa que acredito nem sempre ter sido fácil.

À família americana Wespestad. Que me deu a oportunidade de ter uma experiência nos Estados Unidos confiando no meu empenho e dedicação ao trabalho como au-pair. Experiência que foi incrível, em grande parte, graças a eles. E em total boa vontade, ainda me ajudaram a entender sobre a política e economia americana.

Ao meu professor e orientador André Santoro, pela paciência e por ver em mim um potencial que nem eu mesma via. Por ser fiel à comunicação – talvez não no sentido profissional da palavra – tendo um jeitinho especial de falar e sabendo incentivar, com críticas construtivas sempre. Isso fez e faz toda diferença!

Aos entrevistados, que além de dedicarem um tempinho ao projeto, ainda se empolgaram com o tema e me desejaram “boa sorte”.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha amiga Julia Hirata e seus tios Paulo e Junia, por me receberem sempre com muita disposição em sua casa durante a loucura que me foi esse semestre.

Aos citados acima, muito obrigada. Vocês me inspiram! Aos que não citei e estiveram comigo nessa jornada – vocês sabem quem são – me dando conselhos ou me proporcionando momentos felizes em meio ao caos (drama), meu muito obrigada também.

## RESUMO

Este relatório embasa uma reportagem sobre o programa de intercâmbio cultural "Au Pair". A ideia foi explorar o intercâmbio em 360 graus, aproveitando todo o conhecimento que essa experiência poderia proporcionar, e expor o tema em uma reportagem online em estilo "parallax". Com esse objetivo, foi realizada uma pré-apuração para compreender os intercâmbios culturais que, por meio da remuneração, viabilizam uma estadia no exterior, bem como as relações entre imigração e subemprego no contexto desses mesmos programas. A apuração, feita nos Estados Unidos, resultou em uma reportagem que aborda a vivência da autora como "au pair", bem como as histórias relacionadas a outros personagens. Também foram exploradas, do ponto de vista narrativo e conceitual, as regras do programa, o cenário político de fundo e o jornalismo online, com destaque para as grandes reportagens produzidas nesse formato.

Palavras-chave: intercâmbio cultural; Au Pair; reportagem online; parallax

## **ABSTRACT**

This report supports an essay about the Au Pair cultural exchange program. The idea was to explore the exchange in 360 degrees, taking advantage of all the knowledge that this experience could provide, and expose the theme in a parallax-style online report. With this purpose, a pre-investigation was carried out to understand the cultural exchanges that, through remuneration, make it possible to live abroad, as well as the relations between immigration and underemployment in the context of these same programs. The investigation, made in the United States, resulted in a report that addresses the author's experience as an au pair, as well as stories related to other characters. From the narrative and conceptual point of view, the program rules, the background political scenario and online journalism were also explored, highlighting the great reports produced in this format.

Keywords: Cultural Exchange; Au Pair; online reporting; parallax

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO.....	12
2.2	IMIGRAÇÃO NORTE-AMERICANA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO .....	14
2.3	A CONSTRUÇÃO DA REPORTAGEM .....	17
2.4	REPORTAGEM ONLINE .....	19
3	DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24



## 1 INTRODUÇÃO

Em março de 2018, foram cadastrados, pelo sistema de registro SEVIS (Student and Exchange Visitor Information System), 1.201.829 milhões de estudantes F & M nos Estados Unidos. Assim são chamados pelo visto concebido a eles. São estudantes acadêmicos e vocacionais respectivamente, como difere o Study in the States, site oficial do Departamento de Segurança Interna.

No mesmo período, foram listados também pelo SEVIS, 209.568 mil estudantes que ingressaram no país pelo visto J-1. Este visto também é direcionado à estudantes, porém, os permite trabalhar. São reconhecidos por estagiários e/ ou intercambistas, assim estabelecido no site da Embaixada e Consulados dos EUA:

Solicitantes deste visto incluem estudantes de pós-graduação, estrangeiros graduados em medicina buscando pós-graduação e especialização em medicina, acadêmicos estrangeiros patrocinados por universidades como docentes temporários e alguns profissionais estagiários. Além disso, há vários programas de intercâmbio para jovens, como programas de emprego de verão, programas de estágio para universitários e programa Au Pair. (USEMBASSY)

Os objetos de estudo deste trabalho de conclusão de curso são justamente programas de intercâmbio, os quais viabilizam uma estadia remunerada no exterior. O projeto resultará em uma grande reportagem para a internet, a fim de trazer ao leitor maior conhecimento sobre esse tipo de experiência, além de informá-lo sobre questões político-econômicas do país de destino – Estados Unidos.

A questão a ser respondida é: de que forma uma reportagem pode trazer informações relevantes sobre subemprego de pessoas que saem dos seus países em busca de oportunidades?

Os subempregos estão diretamente relacionados aos programas de intercâmbio – Work & Travel e Au Pair – por não, necessariamente, cumprirem as 40 horas semanais determinadas pelo CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), além do fato de os intercambistas não terem a carteira de trabalho assinada. Desta forma é considerado como trabalho informal.

Comumente, profissionais autônomos recorrem a trabalhos de baixa produtividade para satisfazerem suas necessidades financeiras. Ou seja, são

atividades que não demandam tamanha qualificação e que, conseqüentemente recebem baixa remuneração.

Os critérios em geral utilizados para identificar uma baixa produtividade seriam ou uma renda mensal baixa relativamente aos padrões vigentes ou a dedicação ao trabalho em período mais curto que o normal, normalidade esta dada pelos padrões capitalistas. (AZEVEDO,1985, p.165)

O Work and Travel – na tradução do inglês: “trabalhe e viaje” – é relacionado a qualquer subemprego no período de 3 a 4 meses. Para brasileiros, ele acontece de Novembro a Março, quando os estudantes universitários (de 18 a 28 anos) a quem são ofertados, estão de férias. O processo através de agências de intercâmbio facilita a comunicação e contratação entre empregador e empregado, bem como a orientação sobre moradia e alimentação. No entanto, este processo não garante a efetivação. A remuneração é contabilizada por hora e pactuada aproximadamente entre 20 horas semanais. Em muitos casos o participante tem a opção de negociar um segundo emprego e faturar mais.

A expressão francesa au pair é relativa ao empregado responsável pelas crianças da família anfitriã (*host family*), o qual também acumula funções como afazeres domésticos relacionados a elas. A duração do programa é de no mínimo 12 meses. Em grande maioria são mulheres na faixa dos 18 e 26 anos que procuram por esse tipo de programa. Quando realizado por agências de intercâmbio, o participante tem garantido: passagens aéreas de ida e volta (desde que cumprido o prazo de trabalho), seguro de saúde básico, *workshop* em Nova York para qualificação, acomodação e refeições, bolsa de estudos, remuneração semanal e férias remuneradas de suas semanas.

O objetivo primário deste trabalho foi elaborar uma reportagem fundamentada na vivência própria como au-pair e na experiência de pessoas de diferentes nacionalidades que foram aos EUA por meio deste mesmo intercâmbio. Ao mesmo tempo em que a vivência com famílias anfitriãs/ empregadoras possibilitou uma análise político-econômica do país de destino, diante da questão: por que a preferência de americanos por esse tipo de contratação?

Os objetivos secundários foram estudar os tipos de intercâmbio estudantil (quais são e os pré-requisitos para que aconteçam), o processo de imigração para o

país de destino (EUA) e resgatar conceitos relacionados ao jornalismo online e à elaboração de reportagem.

Este tema se justifica pelo fato de a autora deste projeto acreditar ser importante ter experiências no exterior, vendo o intercâmbio como um meio viável para isto. A utilidade do produto é reforçada pelo aumento constante da procura por esta modalidade de intercâmbio.

Se por um lado viajar a trabalho para o exterior pode ser uma opção para aqueles que tem estabilidade financeira; “sair da zona de conforto”, por outro é uma solução aos que não tem condições financeiras o suficiente para custear uma viagem.

A experiência de vida no exterior pode ser mais que aprofundamento cultural e profissionalizante; a adaptação à uma nova cultura e o afastamento de familiares e amigos, exige muito equilíbrio e maturidade do participante. É ainda considerável, a valorização de uma experiência internacional no currículo de trabalho e o aprimoramento de um segundo idioma, nesse caso, o inglês que é mundial.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO

No ano letivo de 2017/18 os Estados Unidos obtiveram em média 1,094,792 estudantes internacionais, segundo o Institute of International Education (IIE). Deste total, os estudantes matriculados em cursos de graduação superam aqueles matriculados em pós-graduação, ou então os envolvidos no Optional Practical Training – período extra para que o estudante trabalhe – na área em que concluíram a graduação. Este processo de internacionalização dos estudos é comumente mais conhecido por intercâmbio cultural estudantil.

De forma resumida, pode-se entender intercâmbio cultural como um modelo de ação que promove a interação entre pessoas e culturas, pois esses estudantes interagem com alunos do mundo todo, e não somente com o país receptor. (TAMIÃO, 2013, p.41)

Mas por que essa internacionalização tornou-se fenômeno em relação à procura dos estudantes? Esse tipo de viagem é realizada tanto em busca do conhecimento de novos idiomas, como pela necessidade de aprendizado de outro modelo cultural de comportamento (TAMIÃO, 2013, p.40). Por outro lado, há ainda a preocupação com a inserção no mercado de trabalho, que cada vez mais busca por perfis que tenham em sua bagagem experiências internacionais, além de cursos extracurriculares. Assim confirmado:

Muitas empresas, hoje, visam colaboradores que tenham realizado pelo menos um intercâmbio na vida, e essa solicitação claramente não é apenas pela fluência do idioma, mas, sim, por toda a vivência que aquele funcionário terá, inclusive a experiência de viver sozinho em outro país. (TAMIÃO, 2013, p.43)

O processo de intercâmbio pode ser realizado de diversas maneiras, sendo elas influenciadas pelo setor público ou privado. Um exemplo memorável da iniciativa pública foi o Programa Brasileiro de Mobilidade Científica – mais conhecido por Ciências Sem Fronteiras. O projeto teve início em 2011, quando Dilma Rousseff assumiu o comando de uma economia em rápido crescimento, selecionando alunos de faculdades públicas das áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, propositalmente pensando nos interesses econômicos do país. A intenção era de que, quando esses alunos retornassem do intercâmbio, estivessem mais qualificados para assumirem grandes posições em empresas, colocando em prática todo o aprendizado no exterior. Sem contar o impulso que a pressão competitiva existente entre os países

membros do BRIC gerou, já que a Índia e China enviam milhares de estudantes aos Estados Unidos.

Enquanto os países do BRIC são considerados aliados políticos e econômicos, eles acabam competindo uns contra os outros por proeminência global, desenvolvimento econômico e inovação técnica. O denominador comum político nesta equação do mercado educacional são os Estados Unidos, que estão no cerne da economia global. (SPEARS, 2014, p.158)

Essa tese pode ser exemplificada pelo *IIE Open Doors*. Com dados de 2016, a organização governamental publicou uma tabela comparando o número de estudantes que chegam aos Estados Unidos por países do BRIC. Disparado, em primeiro lugar, a China é responsável por 328,547 estudantes. Em seguida a Índia com 165.918; o Brasil com 19.370 e em último a Rússia com 4.444.

Em se tratando de iniciativa privada, são os acordos bilaterais entre faculdades particulares do Brasil e exterior que garantem essa experiência aos estudantes. São universidades que estabelecem parcerias entre si e oferecem bolsas de estudo de ambas as partes (nacional e estrangeira). Funciona da seguinte maneira: o aluno paga apenas a matrícula do semestre na Universidade do país de origem para manter a bolsa de estudo na universidade do exterior. No país de destino não há uma mensalidade a ser paga mas uma manutenção pelo uso da biblioteca, quadras esportivas, piscina e etc. Gastos com transporte, moradia e alimentação são por conta do estudante. Muitas vezes a escolha da faculdade a ser cursada leva em consideração a viabilidade de um intercâmbio pela mesma, conforme aponta um estudo feito pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM): a cada 10 alunos, pelo menos 08 afirmam ter escolhido a UAM pela possibilidade de realizar um intercâmbio através de convênios.

Ainda em relação à iniciativa privada, existem agências independentes de intercâmbio. Nesta opção o estudante “compra o intercâmbio”. Alguns dos programas oferecidos são apenas para estudo. Outros oferecem além dos estudos a oportunidade de trabalho, proporcionado por um visto específico: o J-1. Embora o estudante pague pela viagem, talvez seja a maneira mais econômica dentre as opções de iniciativa privada, já que o intercambista consegue suprir parte das despesas com a remuneração vinda dos subempregos. Exemplos mais conhecidos são o Work & Travel e o Au Pair, já citados na introdução deste projeto.

Pensando nesse intercâmbio onde há a possibilidade de o estudante trabalhar, sites independentes oferecem as viagens com um custo mínimo. Alguns deles são: Workaway, WorldPackers, WWOOF. Uma taxa em média de 29 a 50 dólares é cobrada referente à inscrição no site. De forma prática, é através desse site que os inscritos entram em contato com os contratantes no exterior. Na verdade, essa opção é focada em trocar trabalho por alojamento e alimentação. Embora o estudo não seja prioridade aqui, isso não exclui a possibilidade de o viajante procurar uma instituição de ensino por conta própria, bem como a experiência adquirida por vivenciar um outro idioma e cultura.

Até aqui foram citadas as vantagens/ benefícios por parte dos países de origem, das agências de intercâmbio e dos próprios intercambistas. Mas por que o país receptor, Estados Unidos neste caso, tem interesse nessa internacionalização dos estudos? Além da troca cultural que estudantes estrangeiros proporcionam aos americanos, essa vantagem pode ser classificada por cifras. No ano letivo de 2017/18 que vai de Agosto a Maio, os estudantes internacionais contribuíram com US \$39 bilhões para a economia dos EUA e apoiaram mais de 455 mil empregos, segundo a NAFSA (Association of International Educators). Em relação aos empregos, é cômodo para os contratantes estabelecerem relações trabalhistas com esses “imigrantes temporários”, assim livram-se de manter carteira assinada dos funcionários e conseqüentemente impostos. E é a partir dessas condições trabalhistas, que passa a fazer mais sentido a discussão sobre a relação entre subemprego e imigração nos Estados Unidos.

## **2.2 IMIGRAÇÃO NORTE-AMERICANA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO**

A estimativa para o número total de imigrantes nos Estados Unidos é de 44.4 milhões, segundo a Pew Research Center. Este valor equivale a, aproximadamente, 13% da população americana.

A pesquisa de Filipe Cunha (2010) diz que os processos migratórios se justificam basicamente por quatro fatores, são eles: político, econômico, social e religioso. Questões que motivam os estrangeiros a procurarem um novo país alternam-se entre: crises econômicas decorrentes de má gestão política nos países de origem, a busca por melhor remuneração salarial ou formação acadêmica, a garantia de auxílio à saúde, segurança e tolerância religiosa. Em geral é a busca por

melhor qualidade de vida. No caso dos Estados Unidos, muitos são atraídos por esta ser a maior potência econômica do mundo.

A imigração acontece de forma legal ou ilegal. Esta última acontece majoritariamente pelas fronteiras terrestres, sendo a principal aquela entre México e EUA. Em se tratando da forma legal de migração, a regulamentação é através de diferentes tipos de visto com respectivos prazos de validade que, quando expirados, também sustentam permanências ilegais no país.

A imigração ilegal, estimada em 11 milhões de pessoas, torna-se um problema para os Estados Unidos da América principalmente pelo prejuízo econômico que gera aos cofres públicos. Embora os imigrantes sejam, em boa parte, reconhecidos por assumirem cargos pouco valorizados (os de tarefas operacionais) pelos norte-americanos, em época de crise qualquer oportunidade de emprego é válida e pleiteada entre americanos e estrangeiros, diminuindo a certeza de os nacionais obterem uma admissão e renda fixa. Quando há interferência no ingresso dos americanos no mercado de trabalho, a imigração passa a ser vista com outros olhos tanto pela população quanto pelo governo.

Tratando-se principalmente dos imigrantes ilegais, o país torna-se mais suscetível ao trabalho escravo. Recém chegados e carentes de dinheiro, os imigrantes ficam vulneráveis e se submetem a situações precárias de trabalho: ambientes insalubres, jornadas extensas e remuneração abusivamente baixa. Essa desvantagem qualitativa é ainda intensificada pelo fato de os filhos dos imigrantes não terem acesso equitativo aos estudos, sobretudo às universidades. “Para cursá-la devem pagar o dobro do que paga um nativo americano”, informa o portal de ensino EDUCA. Desde então, basta ser filho de um imigrante para que sua inserção num futuro mercado de trabalho seja dificultada. Deste modo, o IDH do país sofre consequências negativas, considerando a qualidade de saúde, educação e remuneração da população.

O salário que os estrangeiros recebem no país em que migraram, muitas vezes pode não influenciar positivamente no giro da economia deste, uma vez que parte da remuneração é enviada aos países de origem dos imigrantes como auxílio econômico das respectivas famílias. Desta forma há um deslocamento de capital americano que

por um lado atinge negativamente a economia, mas por outro fomenta a economia de países subdesenvolvidos.

Os estrangeiros que ali permanecem sem serem registrados se safam dos impostos a serem pagos, ainda que desfrutem – mesmo com a chance de serem denunciados e então deportados – de serviços provenientes dessas arrecadações, como infraestrutura, segurança, educação e cultura. (Serviços de saúde pública não são oferecidos nos Estados Unidos). Ou seja, além de não cooperarem, ainda geram uma demanda e gasto a mais para o setor público de todo o país.

A princípio, em 1776 com a independência dos EUA pela colônia britânica, o conceito de legalização não era utilizado com frequência nos EUA, tampouco definido. Até a referida época, a naturalização era estabelecida por estados, baseada principalmente em questões étnico-sociais:

A primeira tentativa de regular a naturalização de imigrantes em um nível nacional ocorreu em 1790, com o *Naturalization ACT of 1790*. O texto foi escrito por Thomas Jefferson e aprovado pelo congresso americano em 26 de março daquele ano. A lei fornecia naturalização às “pessoas brancas e livres de bom caráter moral”, demandando um período de dois anos de residência nos Estados Unidos, sendo que, destes, no mínimo um ano deveria ocorrer com residência no estado a que se desejava solicitar naturalização. Transcorrido este tempo o estrangeiro deveria requerer a nacionalização perante uma corte, a qual julgaria se o solicitante se enquadraria nas condições para se tornar cidadão americano. (CUNHA, 2010, p.16)

A necessidade de leis que barrassem a entrada de estrangeiros deu-se pela competitividade que vinha ocorrendo entre norte-americanos e estrangeiros, no sentido trabalhista principalmente. A partir de 1850, os EUA mostravam-se intolerantes aos chineses, que exploravam as minas de ouro e submetiam-se a ganhar um dólar por dia em outras áreas de trabalho, enquanto os nacionais exigiam de 3 a 4 dólares. Em 1882, o *Chinese Exclusion Act* proibiu a entrada de trabalhadores de minas; o ato não expulsava os chineses que já estavam no país, mas dificultava a vinda de membros de suas famílias. Em 1888, esta lei foi intensificada pelo *Scott Act*, que não permitiria o retorno aos EUA dos chineses que saíssem do país. Desde então, ações como esta, de caráter xenofóbico, passaram a ser aplicadas com frequência; e em 1904 pela primeira vez uma patrulha atuou na fronteira do México afim de interromper o fluxo de imigrantes indesejáveis.



Ao barrar a entrada de um povo, os EUA oficializavam uma questão que vinha sendo debatida já há algum tempo no país: a tomada de riquezas nacionais e de empregos por parte de estrangeiros. (CUNHA, 2010, p.18)

A imigração ilegal, vista como um dos principais impasses para o desenvolvimento do país, muito influenciou no resultado das eleições presidenciais dos EUA. A começar pelas propostas em campanha que são basicamente direcionadas a dois pontos: a forma pela qual os estrangeiros entram no país (fronteiras) e a naturalização ou deportação dos mesmos que ali permanecem ilegais.

O presidente Barack Obama, do partido democrático, em seus dois últimos mandatos visou impedir o fluxo de migração ilegal, bem como naturalizar os estrangeiros, não só com a intenção de beneficiar o país com mais pagamentos de imposto, mas também na intenção de ampará-los. Uma de suas mais recentes e inovadoras medidas foi a criação do projeto *Dream Act* que propõe cidadania a imigrantes que chegaram nos EUA antes dos 16 anos e permanecem no país há pelo menos 5 anos. Entre outros benefícios que se aproximam dos direitos de jovens norte-americanos, como cursar uma universidade e listar-se às Forças Armadas. Porém, o projeto foi vetado por uma minoria de senadores do partido republicano, impedindo-o de dar continuidade.

Nos Estados Unidos, os partidos que mais elegem presidentes são Democrata (centro-esquerda) e Republicano (direita). Em 2016, Donald Trump foi eleito (através do partido democrata) mesmo demonstrando total intolerância aos imigrantes, ou melhor, talvez essa mesma intolerância venha por parte dos eleitores. Entre as propostas do candidato, estavam construir um grande muro na fronteira com o México e fazê-lo pagar por isto, interromper os vistos H1-B e J-1 que permitem o trabalho, obrigar que as empresas contratem trabalhadores norte-americanos prioritariamente e acabar com a cidadania concebida aos filhos de imigrantes ilegais.

### **2.3 A CONSTRUÇÃO DA REPORTAGEM**

Conhecida como jornalismo informativo, justamente por ter a intenção de informar o leitor de forma prática, clara e ágil, a notícia é fundamentada em aspectos básicos do relato: o quê, quem, quando, como, onde, e o porquê. Estes componentes são “distribuídos de três maneiras distintas, conforme se opte pela técnica da pirâmide invertida, pirâmide normal ou da pirâmide mista” (PEREIRA LIMA, 2009, p.17). Porém,

é no contexto objetivo com que a notícia trabalha, que ela pode ser considerada superficial.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), em 1910, as pessoas já tinham acesso relevante à informações do mundo todo. O problema aqui, é que, a maneira como eram noticiados os fatos, somados à alta frequência com que ocorriam, não permitia que esses leitores relacionassem as informações, obtendo uma visão contextual dos últimos ocorridos.

Mas em 1920, visando combater a superficialidade e permitir a análise crítica construtiva entre causas e efeitos, é elaborado um novo gênero jornalístico chamado de reportagem. Este busca ampliar os fatos enaltecendo principalmente o “porquê” dos aspectos já citados anteriormente, permitindo que o leitor estabeleça ligações entre fatos antecedentes, e também no que acarretam. Dessa forma as grandes-reportagens são reconhecidas pela expressão: jornalismo interpretativo.

A princípio, essas reportagens se davam principalmente em revistas semanais – na época, novo periódico que surge junto à reportagem. Mas é possível analisar que a propagação da nova prática jornalística é influenciada pela evolução constante da internet e de dispositivos móveis. A web é melhor aproveitada pela reportagem devido ao seu espaço praticamente ilimitado, bem como a grande parte midiática em que cobre, como áudio, vídeo, imagens e textos – assim explicado:

A rádio sonorizou a palavra do jornal, a televisão deu imagem ao som radiofónico e a Internet, particularmente o serviço Web, juntou palavra, som e imagem, acrescentando-lhe a interatividade facultada pelo hipertexto. (CANAVILHAS, 2014, p.5)

Dessa forma, a evolução do meio acontece constantemente buscando aprimorá-lo, passando por fases estabelecidas por Cabrera Gonzalez (GONZALEZ, 2000 apud CANAVILHAS, 2005). A primeira delas é denominada *Fac-simile*, das fases mais simples, essa apenas transcreve textos publicados no impresso para o online. A segunda fase é caracterizada por modelo adaptado, aqui os textos ainda são os mesmos impressos, porém apresentados por um layout personalizado e conectados por links (hipertextualidade). A terceira fase é marcada pela criação do modelo digital, o qual possibilita a criação de textos independentes ao meio impresso, noticiando os fatos de última hora. O quarto modelo é o Multimídia, “uma fase em que as publicações tiram aproveitamento máximo das características do meio, nomeadamente a

interactividade e a possibilidade de integrar de som, vídeo e animações nas notícias” (CANAVILHAS, 2005, p.1). Como iremos discutir no próximo tópico.

## 2.4 REPORTAGEM ONLINE

Com base nos estudos de Bardeel e Deuze, Palacios (2002) chega a uma nova estrutura para o Webjornalismo. Agora, dotado por duas características a mais, totalizando seis:

**1) Multimídia.** Traz profundidade ao contexto jornalístico unindo texto, imagem (foto e vídeo) e áudio em um mesmo suporte. Normalmente, o texto é a base da notícia ou reportagem, as outras ferramentas entram para complementá-lo. A foto para ilustrar, o vídeo para explicar, um áudio de entrevista, gráficos, enquetes, etc.

**2) Hipertextualidade.** No texto, ela é marcada por links que dão acesso a outros do mesmo assunto ou relacionados. Pode acontecer dentro da mesma notícia e reportagem, dentro do mesmo website ou para um diferente. O autor a descreve como interconexão.

**3) Interatividade.** Se pensarmos bem, acontece desde o momento que o usuário inicia um dispositivo – como celular ou computador. São três relações diferentes: do leitor com o texto, quando exposto à hipertextualidade; entre o leitor e escritor, através de e-mail; e entre leitores, possibilitado por caixas de comentários e chats. Através da interatividade, os feedbacks acabam acontecendo mais rápido do que em uma publicação impressa.

**4) Personalização.** Permite que os usuários configurem os sites com assuntos específicos do seu interesse. Em longas reportagens, que normalmente são divididas em seções, ela pode ser encontrada através dos subtítulos – permitindo uma leitura não-linear.

**5) Memória.** Pensando que as atuais publicações ficarão em rede por muito tempo, se não eternamente; elas unem-se as antigas e futuras. Com a pesquisa de palavras-chave são facilmente encontradas e acessadas.

**6) Atualização contínua.** Visto o fácil acesso principalmente por parte do escritor e na praticidade em publicar, novas registros são feitos dando continuidade às últimas notícias.

Quatro dessas características são facilmente vistas em reportagens online. São elas: Multimídia, hipertextualidade, interatividade e personalização.

O conjunto delas é difundido em reportagens pelo modelo de pirâmide horizontal. Até então não citado nesse relatório, é também conhecido por pirâmide deitada. Assim explicado:

A quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise. (CANAVILHAS, 2005, p.13)

Nesse modelo, o escritor tem liberdade e espaço para desenvolver cada aspecto básico (o quê, quem, quando, como, onde, e o porquê) da notícia com mais detalhes e então profundidade. Exemplificado na figura a seguir:



Figura retirado de “Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada” – João Canavilhas

Aspecto que não foi citado diretamente pelos autores estudados, mas foi considerado pela autora desse relatório, é a magnitude do alcance que as publicações online têm. Em poucos cliques, a notícia/ reportagem é compartilhada entre outros usuários nas redes sociais. Ter o Twitter, Facebook, Instagram e Whatsapp como

meio, acaba sendo uma vantagem em cima do impresso, onde o leitor precisa se deslocar para ter acesso.

Com base em todas essas características, veículos tradicionais do impresso vêm priorizando a web. No Brasil, recentemente, o Estadão anunciou sua transformação digital. Nos Estados Unidos, é a versão online do The New York Times que dá o exemplo.

Em dezembro de 2012 foi publicado pela versão online do jornal americano, uma reportagem de estilo inovador: "Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek". A narrativa conta a história de um grupo de amigos que, ao subir uma montanha para esquiar, são surpreendidos por uma avalanche. Ao mesmo tempo mescla pontos jornalísticos: a geografia da região em que acontece, a conduta diante de uma catástrofe natural, entre outras coisas relacionadas ao tema. Pela quantidade de informação, a trama é em capítulos.

O hipertexto e a multimídia também fazem parte da narrativa, mas o grande diferencial aqui é a tecnologia utilizada para navegar na reportagem. Rolagem parallax ou parallax scrolling é “uma técnica de desenho para Internet na qual o primeiro e o último plano de uma página Web movem-se em velocidades diferentes, enquanto o utilizador lê verticalmente o conteúdo audiovisual”. (CAPPELLETTI, 2017,p.1) Conforme o usuário usa a rolagem do mouse, as faixas ao longo da página se sobressaem umas às outras, ou pelo contraste de cores entre elas, ou pelas imagens 2D.

### **3 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

No sexto semestre do curso de jornalismo tivemos a matéria Projetos I, na qual demos início ao projeto do trabalho de conclusão de curso. O tema escolhido por mim foi intercâmbio. Nessa época, eu planejava uma viagem aos EUA como au-pair, então resolvi unir o útil ao agradável. A ideia era relatar a minha experiência como babá e ao mesmo tempo entrevistar outras pessoas (de diferentes nacionalidades) que saem de seus países por um tempo predefinido para trabalhar com subempregos: atendente, camareiro, faxineiro, etc.

A escolha pelo produto foi um tanto quanto complicada e insegura pelo fato de eu não ter certeza do que iria encontrar por lá – em relação às fontes principalmente.

A princípio a ideia era um livro-reportagem. Mas como no sétimo semestre fomos imersos a aulas sobre documentário, fiquei balançada achando que imagens mostrariam melhor do que textos a rotina dessas pessoas que estão saindo de suas zonas de conforto em um outro país, com uma outra cultura e novos hábitos.

Orientada pelo professor André Santoro, procuramos uma solução para o então problema que era o produto jornalístico no qual eu trabalharia meu tema. Não satisfeita com a ideia de documentário, tampouco com a opção de livro-reportagem, fui apresentada ao estilo de reportagem “parallax”. Esta foi a maneira encontrada para que eu pudesse mesclar meus relatos em texto e, ao mesmo tempo, em imagens audiovisuais.

Definidos os assuntos principais (regras do programa de intercâmbio, política e economia do país de destino) que seriam expostos na minha reportagem, era hora de ir a campo. Para isso, escolhi a agência de intercâmbio Experimento em São Paulo, que me colocaria em contato com as famílias anfitriãs/ empregadoras, e me disponibilizaria o documento (DS-2019) que daria entrada ao meu pedido do visto de trabalho (J-1).

Já nos Estados Unidos, o planejado era entrevistar desde o primeiro mês, pelo menos dois participantes do programa, sendo eles, au-pairs de diferentes nacionalidades ou famílias anfitriãs. Não aconteceu.

O período de adaptação foi desgastante e qualquer tempo *off* eu queria usar para meu descanso e lazer. As 45 horas trabalhadas ocupavam mais da minha semana do que eu imaginava que ocupariam antes de iniciar o programa. Mais tarde, quando já estava mais acostumada à rotina, o tempo que eu não estava trabalhando, estava atendendo a aulas de inglês.

A solução foi viver o intercâmbio naturalmente, e quando conhecia meninas por meio das aulas, do grupo de au-pairs da região (cluster) e até de outras amigas, conversava sobre a experiência delas. Ao fim do intercâmbio fui retomando essas histórias e buscando essas meninas com perguntas pontuais. Sabia que a Luisa, por exemplo, podia me contar sobre sua experiência com o rematch; enquanto a Ana poderia me falar sobre não retornar ao Brasil, casar-se e dar entrada no Green Card.

Assim, inúmeros personagens deram corpo às partes da narrativa que citavam as regras do programa.

Sobre a política e economia do país, as entrevistas não puderam ser adiadas. Se eu já encontrava dificuldade em marcar uma entrevista enquanto estava próxima, imagina a distância onde a cobrança se dificultaria. Aproveitando as histórias de outras au-pairs, foquei em entrevistar no mínimo três famílias de diferentes classes sociais. Não tive coragem de perguntar a renda familiar de cada uma, mas dava para ter uma ideia pelas necessidades e motivos que as fizeram contratar uma au-pair. Além disso, o emprego e qualidade de vida que tinham deixavam nítida a situação de cada uma.

Para confirmar as expectativas, números exatos sobre os gastos para contratação de uma babá nacional e au-pair foram pesquisados e analisados. Assim como uma pesquisa sobre como são cobrados os impostos no país e para onde são direcionados.

Pela praticidade, o produto final foi desenvolvido em uma plataforma de edição já existente, o WIX. A ideia, desde os primórdios desse relatório, era utilizar a minha vivência como fio condutor da reportagem e, aos poucos, introduzir as regras do programa e relatos da vida americana.

Para facilitar, dois levantamentos foram feitos. O primeiro deles, um relatório, em formato de diário com todas as experiências que tive durante o intercâmbio. Como alguns detalhes vão sendo esquecidos, os regatei através de fotos. E foi quando tive a ideia de dividir o texto em estações do ano, já que nos Estados Unidos suas características são bem mais marcantes do que no Brasil.

O segundo foi feito na reta final do produto, quando ao apresentar muita dificuldade para fazer o texto em narrativa, meu orientador fez o pedido. Em uma folha A3, desenvolvi uma linha do tempo, colocando o fio condutor ao meio, e os dois outros à esquerda e direita. Neles os tópicos iam se encaixando e sendo ligados uns aos outros.

As imagens e áudios foram escolhidas durante a montagem do texto. Em maioria, já tinha na minha memória quais gostaria de usar pensando que representariam bem os momentos. Quadros explicativos e olho de texto foram usados.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredito, primeiro, que esse trabalho tenha influenciado positivamente no início da “minha vida adulta”. Já que para realizá-lo morei no exterior por um ano e meio. Nova cultura, novas leis e responsabilidades.

No meu papel como cidadã também. Analisando e almejando a qualidade de vida de um país de primeiro mundo, passei a me interessar mais por política. Não só em relação a mim. Mas buscando entender, e de repente trazer para o Brasil, medidas tomadas na saúde, segurança e – principalmente – educação que funcionam lá fora.

A evolução como jornalista, também aconteceu. Porquê mesmo tendo uma experiência incrível e sem problemas como au-pair, reconheço que o programa não é perfeito e que tem muito a ser melhorado. E são inclusive esses defeitos que tomam o foco do meu projeto, na intenção de contar ao leitor aquilo que as agências (que vendem o programa) não contam. De maneira a informar e até preparar os próximos participantes.

Dessa forma, acredito, sim, que os objetivos foram alcançados. O primeiro deles, de ter a experiência como au-pair e entender como o programa, e todos os envolvidos, participam da política e economia do país de destino (EUA). De quebra, influenciar nas experiências dos próximos participantes.

Quanto a pergunta problema, a melhor forma desse conteúdo chegar ao público de interesse é pela reportagem online. Pensando que eles têm entre 18 e 26 anos, e estão mais habituados ao digital do que ao impresso.

Pensando no futuro do produto. Acho que funcionará como um portfólio para o início da carreira de jornalista, que por coincidência foi um dos motivos que me fizeram e fazem milhões de meninas procurarem pelo intercâmbio cultural: oportunidades de emprego decorrente de uma vida no exterior e fluência no inglês.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A vida dos imigrantes nos EUA.** OIEDUCA. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nlr5xs>>. Acesso em: 28/11/2016.

AZEVEDO, Beatriz Regina. **Emprego, desemprego e subemprego: uma revisão da literatura crítica.** FEE, Porto Alegre. 1985. Disponível em: <<http://bit.ly/2qfWWlq>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

CANAVILHAS, João. **A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web.** Bocc, [S.I.] 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2qVKAjn>>. Acesso em: 22 de maio de 2017.

CANAVILHAS, João. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.** Bocc, [S.I.] [2005?]. Disponível em:<<http://bit.ly/1leveuA>> Acesso em: 22 de maio de 2017

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** Bocc, [S.I.] [2005?]. Disponível em:<<https://bit.ly/36LIS90>> Acesso em: 04 de nov. de 2019.

CAPPELLETTI, Milton J. **Estrutura arquitectural de uma reportagem hipermédia com parallax scrolling: uma análise comparativa.** Dialnet, Espanha. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/33tc9Dk>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

CUNHA, Filipe. **Imigração ilegal nos Estados Unidos: uma análise conjuntural a partir de uma perspectiva histórica.** Lume Repositório Digital, Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nrl6GB>> Acesso em: 29 de nov. de 2016.

**Facts on U.S. Immigrants, 2017.** Pew Researc, [S.I] 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/hispanic/2019/06/03/facts-on-u-s-immigrants/>. Acesso em: 13 de nov. de 2019.

**Intercambistas: Visto J-1.** USEMBASSY. Disponível em: <<http://bit.ly/2qVoyPE>>. Acesso em: 15/05/2017.

**NAFSA International Student Economic Value Tool.** NAFSA, [S.I] 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/33pppJ0>>. Acesso em: Acesso em: 16 de out. de 2019.

**New Infographic Helps Explain the Difference between F and M Students.** Study in the States, [S.I.] 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2pEmZrt>>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

**Number of International Students in the United States Reaches New High of 1.09 Million.** IIE, [S.I.] 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2WPEzVr>>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital.** FASAM, Salvador. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2WTR8PK>>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas.** 4<sup>a</sup> edição. Barueri: Editora Manole, 2009.

**SEVIS by the numbers: biannual report on international student trends.** ICE, [S.I.] 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2NpsaEy>>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

SPEARS, Eric. **The value of an intercâmbio: brazilian student mobility, bilateralism & international education.** REVEDUC, USA. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/34OlgPh>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

TAMIÃO, Talita S. **O intercâmbio cultural estudantil na cidade de São Paulo.** SIGAD, [S.I.] 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2JVEI9R>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.